

A REPRESENTAÇÃO DAS MINORIAS SOCIAIS PELOS PARTICIPANTES DO PROGRAMA DE TV *MINHA SAUDADE DA UFRGS*

THE REPRESENTATION OF SOCIAL MINORITIES BY THE PARTICIPANTS OF THE TV PROGRAM *MINHA SAUDADE DA UFRGS*

LA REPRESENTACIÓN DE LAS MINORÍAS SOCIALES POR LOS PARTICIPANTES DEL PROGRAMA DE TV *MINHA SAUDADE DA UFRGS*

Sean Hagen*

Mariane Venditi da Rosa**

RESUMO: A pesquisa busca compreender como as minorias sociais se representam no programa *Minha Saudade da UFRGS*, da UFRGS TV. Através dos conceitos de TV generalista, pública e universitária, e de representação pelo viés cultural e psicológico, com destaque para a representação midiática, usamos a Análise de Discurso de linha francesa em 13 edições do programa (2020/2021). 80 incidências de sentidos indicaram seis categorias: 1) a minoria que convive com preconceitos; 2) a minoria que sente a exclusão; 3) a minoria que realiza; 4) a minoria que viu mudanças na sociedade; 5) a minoria acolhida; e 6) a minoria que se vê privilegiada. 43,75% dos discursos evidenciam o preconceito e a exclusão, enquanto apenas 16,25% do corpus se sente acolhido.

Palavras-chave: Televisão Universitária. Representatividade Social. Minorias Sociais. Sentidos. UFRGS TV.

ABSTRACT: The research seeks to understand how social minorities are represented in the program *Minha Saudade da UFRGS*, from UFRGS TV. Through the concepts of generalist, public and university TV and representation through cultural and psychological bias, with emphasis on media representation, we used French Discourse Analysis in 13 editions of the program (2020/2021). 80 incidences of meanings indicated six categories: 1) 1) the minority that lives with prejudice; 2) the minority that feels exclusion; 3) the minority that performs; 4) the minority that saw changes in society; 5) the welcomed minority; and 6) the minority that sees itself privileged. 43.75% of the speeches show prejudice and exclusion, while only 16.25% of the corpus feels welcomed.

Keywords: University Television. Social Representativeness. Social Minorities. Senses. UFRGS TV.

RESUMEN: La investigación busca comprender cómo las minorías sociales son representadas en el programa *Minha Saudade da UFRGS*, de UFRGS TV. A través de los conceptos de TV generalista, pública y universitaria y representación a través de la cultura e la psicología, con énfasis en la representación mediática, utilizamos el Análisis del Discurso Francés en 13 ediciones del programa (2020/2021). 80 incidencias de significados señalaron seis categorías: 1) la minoría que vive con prejuicios; 2) la minoría que siente exclusión; 3) la minoría que actúa; 4) la minoría que vio cambios en la sociedad; 5) la minoría acogida; y 6) la minoría que se ve privilegiada. El 43,75% de los discursos muestran prejuicio y exclusión, mientras que solo el 16,25% del corpus se siente acogido.

Palabras clave: Televisión Universitaria. Representatividad Social. Minorías Sociales. Sentidos. TV UFRGS.

*Professor da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutor em Comunicação e Informação pela UFRGS.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7099-7828>

E-mail: hsean@uol.com.br

** Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Foi bolsista na UFRGS TV. Atualmente, é Assistente de Marketing na UOL EdTech.

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-1779-4837>

E-mail: marianevenditi@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Cadeirantes fazendo crítica cinematográfica, indígenas como chefs em programas de culinária, mulheres pretas LGBTQIA+ apresentadoras de programas de auditório: situações raras, senão difíceis de ver na TV hoje. É um reflexo de que a invisibilidade dos grupos sociais vulnerabilizados ainda domina a programação da TV no Brasil: faltam conteúdos que façam com que diferentes grupos se sintam representados.

Se a televisão generalista é uma expressão do pensamento social dominante, mesmo em espaços de experimentação o problema se repete. E a UFRGS TV, televisão universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), não foge à regra, já que a instituição universitária reproduz muito da maneira de pensar do poder hegemônico. Mas há mudanças. Desde 2008, a UFRGS tem o sistema de ações afirmativas, que promove o ingresso de grupos em vulnerabilidade social através da reserva de 50% das vagas para estudantes que realizaram todo o ensino médio em escolas públicas: abrange renda familiar, egresso de escola pública, pessoa com deficiência, preto, pardo ou indígena. É uma ação que resiste como um importante trabalho de inclusão, apesar do quadro de alunos e servidores nem sempre espelhar essa diversidade. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2019), 46,8% da população brasileira se autodeclara parda, 42,7% como branca, 9,4% preta e 1,1% como amarela ou indígena.

Fundada em 1934, a UFRGS possui 96 cursos de graduação, e entre 2012 e 2019 foi avaliada pelo MEC como a melhor universidade federal do Brasil, ficando em segundo lugar em 2021. Em rankings internacionais de 2022, fica entre as dez mais bem colocadas do país: 4º lugar no QS *World University Rankings*¹, 5º lugar no *The Academic Ranking of World Universities (ARWU)*² e 8º no *Times Higher Education Latin America University Rankings*³. É uma posição de destaque, mas precisa ser pensada para além do ensino acadêmico e de pós-graduação: deve oferecer a base para formar cidadãos capazes de entender o mundo em que vivem e de estimularem a cidadania. Essa preocupação fica ainda mais premente quando se vê os números: são mais de 45 mil alunos e servidores que circulam em cinco campi de duas cidades, e tem uma população maior do que 454 dos 497 municípios gaúchos.

Paradoxalmente a toda essa qualificação e ao alto número de pessoas envolvidas nessa interação, não há programas da UFRGS TV reservados às minorias sociais. Mesmo que o Estatuto da UFRGS deixe claro que pluralidade, diversidade e consciência crítica são finalidades da instituição, ainda falta visibilidade midiática para esses grupos:

Art. 2º - A UFRGS, como Universidade Pública, é **expressão** da sociedade **democrática** e **pluricultural**, inspirada nos **ideais de liberdade**, de **respeito pela diferença**, e de **solidariedade**, constituindo-se em instância necessária de **consciência crítica, na qual a coletividade possa repensar suas formas de vida e suas organizações sociais**, econômicas e políticas (ESTATUTO,1995, grifo nosso).

Sem espaços midiáticos específicos para se ver e refletir, a comunidade acadêmica encontrou um meio alternativo para se fazer presente e discutir representatividade social: ocupou os relatos de memória do programa *Minha Saudade da UFRGS*⁴. O programa colhe depoimentos de pessoas ligadas à universidade como uma forma de aplacar a saudade e rememorar a vivência que tiveram no ambiente acadêmico antes da pandemia. O resgate de como se construíram e foram acolhidas nesse espaço trouxe questionamentos importantes sobre representatividade social. Dessa forma, o objetivo dessa pesquisa é entender como as minorias sociais se representam no programa e, conseqüentemente, se veem dentro da UFRGS e na sociedade – lembrando Elias (1993), é impossível pensar em uma “história de vida” sem pensar no contexto histórico em que ela se insere, em que o indivíduo busca resistir às pressões sociais e isso acaba por marcar a sua trajetória: “decisões individuais ficam obscuras quando não se consideram os aspectos relevantes dos processos sociais não-planejados em que ocorram, e cuja dinâmica determina, em grande parte, suas conseqüências (1993, p. 48)”.

¹ Disponível em: encurtador.com.br/eiINP. Acesso em: 4 jan. 2023.

² Disponível em: encurtador.com.br/imyzW. Acesso em: 4 jan. 2023.

³ Disponível em: encurtador.com.br/ekvI0. Acesso em: 4 jan. 2023.

⁴ O perfil do programa será mais bem explicado na seção quatro.

2 O PAPEL SOCIAL DA TELEVISÃO

Televisão é “tudo e nada”: é uma máquina, um objeto de decoração, um local de entretenimento, de informação e de produção de sentidos e “[...] acima de tudo, um meio de enriquecer e legitimar os seus controladores, e de entreter e civilizar os telespectadores (MILLER, 2009, p. 10). A proximidade entre quem vê e o que vê, que se dá através da interação (THOMPSON, 2018), propicia a simultaneidade entre vidas distantes, todos partilhando o mesmo presente. Apesar de constantemente criticada (BOURDIEU, 1997; BUCCI; KEHL, 2004), o alcance e a popularidade da televisão continuam massivos: o número de usuários diminui ou aumenta conforme o momento social, mas a TV permanece na centralidade da vida cotidiana há décadas. A TV não está morta, está apenas mudando (MILLER, 2009). E está mais flexível depois de incorporar diferentes mídias: computadores, tablets, telas de smartphones. Talvez por que consiga resguardar as particularidades específicas de cada região e cultura em que está inserida (OROZCO; MILLER, 2018): o que acontece na televisão é transformado em propriedade cultural das audiências, visto que elas processam as informações, as relacionam com suas próprias vidas e constroem novos significados com o que é visto.

Apesar do pouco prestígio intelectual, a TV é uma das responsáveis pela difusão de informações que fornecem ao indivíduo formas de compreender o mundo em que ele vive (WOLTON, 2007). Uma jovem branca e da classe média não interpreta igual a uma jovem indígena que mora em uma aldeia: “interpretamos e sentimos a partir de nossa própria história individual e coletiva” (CHARAUDEAU, 2016, p. 20); o autor (2009, p. 80) postula que as pessoas associam imagens e palavras para construir “imaginários da verdade”, sendo que dois tipos ganham destaque por afetarem pessoas de qualquer cultura através dos acontecimentos dramáticos que carregam: 1) a verdade de opinião, baseada em um sistema de crenças e que busca ser compartilhada pela sociedade, e a 2) verdade de emoção, que está relacionada à história pessoal consciente ou inconsciente daquele indivíduo; atuando em paralelo e se retroalimentando, potencializam a verdade que produzem e remetem “para os nossos próprios imaginários” (CHARAUDEAU, 2009, p. 82). As imagens televisuais reproduzem a realidade, desencadeando memórias pessoais e coletivas, lembranças de experiências vividas na forma de outras imagens.

No relatório Estratégia de Diversidade e Inclusão 2016-2020, a emissora inglesa BBC declarou que a forma como o público recebe e interpreta os conteúdos está diretamente relacionada com a cobertura que os meios de comunicação fazem sobre eles (BBC, 2016). A televisão é o meio de comunicação de massa mais popular, capaz de atingir cidadãos das mais diferentes classes sociais e seria justo que todas essas pessoas se sentissem representadas em determinado momento ao assistir aos conteúdos televisivos.

2.1 TV Pública e Universitária

A oferta de conteúdos educativos e informativos pela TV está prevista pela legislação de radiodifusão (Decreto nº 52.795, de 31 de outubro de 1963). Mas só em 1968 foi inaugurada a primeira TV pública, a TV Universitária de Recife. Até aquele momento, toda a produção era puramente comercial, preocupada apenas com a rentabilidade e focada no entretenimento. “Uma sociedade democrática precisa dos dois pratos da balança: a televisão comercial e a televisão pública. O que a televisão comercial faz a televisão pública não deve pretender fazer.” (BUCCI, 2010, p. 16).

Financiada pelo Estado, a televisão pública tem obrigação de incluir diversidade e qualidade na programação, proteger a cultura e a identidade nacional, ter cobertura universal e ser direcionada à cultura, além de estar atenta para satisfazer as necessidades dos cidadãos, não deixando de fora nenhuma minoria da sociedade (SERRANO, 2010). O financiamento deve ter caráter público e não pode interferir em escolhas editoriais da emissora ou exercer qualquer influência na definição da programação, e deve ter uma gestão independente, sem se preocupar com autoridades ou audiência. “Elas [emissoras públicas] só têm sentido social e histórico se estiverem a serviço da sociedade e dos direitos dos cidadãos” (BUCCI, 2010, p. 5).

Por esse viés, a TV pública engloba as emissoras ligadas às instituições de ensino – e muitos canais universitários fogem dos pré-requisitos de uma emissora pública: “Os canais universitários, muitas vezes, atuam como veículo de promoção das universidades a que pertencem” (BUCCI, 2010, p. 15).

Segundo os dados presentes no estatuto da Associação Brasileira de Televisão Universitária (MAGALHÃES, 2002, p. 15), uma TV universitária (TVU) é aquela que, além de ser produzida por uma Instituição de Educação Superior (IES), é voltada estritamente à promoção da educação, da cultura e da cidadania, podendo ser transmitida por canais de televisão públicos e privados ou por meios convergentes, como a internet.

2.1.1 A UFRGS TV

Inaugurada em 2005, a UFRGS TV é veiculada nas redes sociais e YouTube, com parte dos conteúdos apresentados na UNITV, sendo integrante da Rede IFES. Em 2022, contava com cinco funcionários, sendo três concursados (um jornalista, um diretor de programa e um tecnólogo em produção audiovisual), e dois terceirizados para apoio técnico. Também possuía 16 bolsistas, sendo aberta a todos os cursos da universidade.

Funciona como um laboratório, em que o conhecimento visto em sala de aula pode ser aplicado de forma prática pelos alunos. Não possui verba de produção ou fonte de recursos próprios. Todas as necessidades financeiras são levadas ao conhecimento do Centro de Teledifusão Educativa da UFRGS (CTE), que engloba a Rádio e a TV, e faz a mediação da aquisição de equipamentos através de projetos ou negociações com outros setores. Conta com sete câmeras HD, nove ilhas de edição e um kit básico de luzes para gravações internas. Não possui um estúdio próprio, o que dificulta a produção.

Na prática, a direção é responsável por conduzir a linha editorial do canal, organizar a estrutura burocrática, liderar a produção dos programas, chamadas e especiais, e manter-se em contato com a equipe que produz, grava e edita os materiais. Os programas são pensados a partir de pautas que surgem em reuniões internas do grupo ou de sugestões recebidas por e-mail, pelas redes sociais ou pela Secretaria de Comunicação da Universidade. Apesar de sofrer interferências do CTE e da Reitoria em alguns momentos, cumpre com todos os requisitos de uma TV universitária.

3 REPRESENTAÇÃO MUDIÁTICA

A representação é a parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura, sendo resultado da união entre a linguagem e um conjunto de conceitos mentais que, juntos, constroem o sentido das coisas: “o sentido não está no objeto, na pessoa ou na coisa, e muito menos na palavra. Somos nós quem fixamos o sentido tão firmemente que, depois de um tempo, ele parece natural e inevitável.” (HALL, 2016, p. 42); as coisas não significam nada, são as pessoas que constroem os sentidos utilizando conceitos e signos como sistemas representacionais.

A representação também pode ser entendida como a reprodução de algo ou alguém que não está ali. Neste caso, a representação atua como um conjunto de estímulos realizados pelos seres humanos que tem a finalidade de substituir um sinal ou som que não pode ocorrer naturalmente (BOWER⁵, 1977, p. 58 apud MOSCOVICI, 2007, p. 32). A representação é um conhecimento construído socialmente a partir das perspectivas de mundo comuns a grupos de indivíduos (MOSCOVICI, 2007), tendo duas funções essenciais para as representações: a) convencionar pessoas, objetos ou acontecimentos: funciona como uma categorização que pode descartar elementos que saiam de um padrão; eliminando características particulares, a categorização faz com que o signo pareça mais familiar, transformando a representação em um modelo de determinado tipo, distinto e compartilhado por um grupo (MOSCOVICI, 2007, p. 34); e b) é uma força que se impõem sobre as pessoas, resultado de uma estrutura que decreta o que deve ser pensado (MOSCOVICI, 2007, p. 36). Cabecinhas (2009) complementa, mostrando que as representações sociais contribuem para a percepção de realidades comuns a determinados grupos:

Enquanto sistemas de interpretação, as representações sociais regulam a nossa relação com os outros e orientam o nosso comportamento. As representações intervêm ainda em processos tão variados como a difusão e a assimilação de conhecimento, a construção de identidades pessoais e sociais, o comportamento intra e intergrupar, as ações de resistência e de mudança social. (CABECINHAS, 2009, p. 4)

⁵ BOWER, T. The Perceptual World of the Child. Londres: Fontana, 1977.

Consequentemente, é necessária uma reflexão sobre a forma com que as pessoas atribuem sentidos às coisas. De acordo com Berger e Luckmann (2012, p. 38), existem múltiplas realidades, mas a predominante em nossas vidas é a realidade da vida cotidiana. Para os teóricos, a linguagem utilizada no cotidiano é responsável por marcar coordenadas da vida em sociedade e atribuir significados aos objetos que dele fazem parte, visto que é a linguagem e seus símbolos que determinam a ordem, o sentido e a importância das coisas. Por isso, entender a realidade do outro é essencial para a construção de saberes que habitam a vida cotidiana em uma sociedade compartilhada por diferentes pessoas. É nesse contexto que entra a importância da representação midiática de minorias sociais para a construção de diferentes identidades e perspectivas.

A identidade está conectada à diferença, pois se todas as pessoas pensassem igual, a identidade não faria sentido (SILVA, 2012). Uma pessoa entende a própria identidade no processo de identificação das suas diferenças em relação ao outro – positivas ou negativas. A identidade é construída através de processos de inclusão e exclusão de fatores – dizer o que sou também significa dizer o que não sou.

A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre "nós" e "eles". Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. Dividir o mundo social entre "nós" e "eles" significa classificar. O processo de classificação é central na vida social. Ele pode ser entendido como um ato de significação pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social em grupos, em classes. (SILVA, 2012, p. 82)

Esta classificação realizada socialmente a partir das identidades também pode funcionar como uma hierarquização, privilegiando determinados grupos em relação a outros: certos grupos são vistos como parâmetro, enquanto os demais acabam sendo avaliados de forma negativa (SILVA, 2012). Tanto a identidade quanto a diferença são dependentes da representação: é a partir dela que a identidade e a diferença são criadas.

Para Hall (2016), as questões sobre a diferença podem ser vistas sob o aspecto de quatro principais abordagens teóricas: 1) a diferença é essencial para a existência dos significados, que, assim como as identidades, são construídas através da oposição de dois ou mais fatores; 2) a diferença é primordial porque a partir dela podemos construir significados através de diálogos com o outro; 3) é a base do que chamamos de cultura, visto que a cultura depende dos significados que damos às coisas; 4) em uma abordagem psicanalítica, a diferença faz parte da construção das personalidades e identidades sexuais dos sujeitos.

Parte fundamental do processo social de constituição de sentido, as representações são organizadas e reguladas pelos diferentes discursos (legitimados, naturalizados, emergentes ou marginalizados) que circulam, colidem e articulam-se num determinado tempo e lugar. Logo, a construção (ou supressão) de significados, identificações, prazeres e conhecimentos – nos espaços e mercados midiáticos – envolve, necessariamente, a disputa pela hegemonia entre grupos sociais dominantes e subordinados, com consequências bastante concretas no tocante à distribuição de riquezas, prestígio e oportunidades de educação, emprego e participação na vida pública. (FREIRE FILHO, 2005, p. 21)

Os meios de comunicação deveriam ter a responsabilidade de estimular diversidade e a pluralidade de diferentes identidades sociais, incluindo as minorias sociais. Como lembra Machado (1988) há quase 40 anos, o que não passa na TV se torna estranho à sensibilidade e ao conhecimento da sociedade.

As minorias são os grupos sociais considerados marginalizados pela classe social, gênero, raça ou orientação sexual. As minorias não necessariamente dizem respeito a um grupo que possui o menor número de pessoas (SIQUEIRA; CASTRO, 2017): alguns grupos sociais são vistos como minoritários “em função da sua diferenciação cultural face aos padrões estabelecidos pela cultura dominante” (AMÂNCIO; CABECINHAS, 2004, p. 3).

A falta de representação de minorias sociais também possui consequências no âmbito político. Conforme Young (2006, p. 169), os grupos culturais minoritários ou desvalorizados na sociedade carecem de uma voz política efetiva e são representados de três formas: a) quando os interesses têm aspectos que afetam ou são importantes para os objetivos de indivíduos ou organizações; b) quando as opiniões funcionam como valores que fundamentam critérios sobre políticas que devem ser aplicadas ou metas que devem ser atingidas; c) quando a perspectiva social encerra um conjunto de experiências, histórias e compreensões sociais que abrangem um determinado grupo de indivíduos (YOUNG, 2006). “A qualidade da representação é um indicador da qualidade da democracia enquanto realização da autonomia coletiva” (MIGUEL, 2011, p. 56). Miguel postula que a representação fomenta a autonomia individual das pessoas, pois o diálogo e as reflexões críticas que partem daí possuem papel fundamental para a produção dos interesses dos indivíduos.

4 MINORIAS SOCIAIS SE AUTOCONSTRUINDO EM UMA TELEVISÃO UNIVERSITÁRIA

O programa *Minha Saudade da UFRGS* reflete o momento histórico em que foi criado: em meio a um cenário pandêmico. Com o distanciamento social como uma necessidade para amenizar a contaminação de COVID-19, os membros da comunidade acadêmica se viram longe da universidade por mais tempo do que o previsto – o trabalho presencial voltou no segundo semestre de 2022. O programa nasceu um semestre após a paralisação das atividades presenciais nos campi da UFRGS, e convida os diversos integrantes da comunidade acadêmica a refletirem sobre quais aspectos da universidade sentem falta. Isso fez com que as narrativas assumissem um tom sentimental e nostálgico, enfocando angústias, vitórias e emoções vivenciadas na universidade, além do lugar social que ocupam no contexto da UFRGS. Como lembra Elias (1993), o indivíduo não pode ser considerado fora do contexto social em que vive, é preciso observar a tensão que se estabelece entre ele e as agências controladoras.

Minha saudade da UFRGS está enquadrado no formato TV realidade – reality TV –, em que as experiências cotidianas banais são processadas de forma singular pela mídia, assumindo o lugar de protagonistas nas narrativas. O mundo vivido é reafirmado como verdadeiro e credível através de depoimentos em primeira pessoa, e a técnica televisiva flerta com a etnografia para buscar a máxima realidade. O sentido de originalidade e verdade do *Minha saudade* é reforçado pela falta de padronização técnica dos programas: é o próprio entrevistado quem se grava, escolhe o ambiente que acha pertinente aparecer e envia as imagens brutas, que posteriormente são editadas e podem passar por um processo de pós-produção – inserção de fotos ou vídeos pessoais enviados pelo entrevistado ou produzidos pelo programa. Com isso, a qualidade das imagens varia muito, desde a resolução de vídeo – que define a qualidade e o tamanho da imagem que preenche a tela – até a iluminação e enquadramento: ora granuladas e escuras, ora ocupando pouco espaço na tela e com baixo croma. É nessas irregularidades que os sentidos se estabelecem, e sendo gravadas em ambientes íntimos, trazem um pouco da diversidade de cada depoente. Tecnicamente os programas tendem a ser simples, padronizados pela vinheta de abertura, e dando protagonismo aos relatos de vida. Estreou no dia 24 de setembro de 2020, indo ao ar semanalmente no canal do YouTube da UFRGS TV, com tempo total de produção variando entre cinco e 15 minutos.

Definido o recorte temporal entre setembro de 2020 e agosto de 2021, foram mapeados os perfis que construísssem sentidos sobre temas relacionados às minorias sociais. Dentro do recorte foram ao ar 40 edições, com um total de 43 depoentes. Dessa amostra, 17 pessoas faziam parte de uma minoria social, representando 39,5% do conteúdo geral. Dentro dos 17 programas, quatro pessoas não incluem em seus discursos nenhum sentido relacionado à vivência enquanto uma minoria social⁶. Com isso, 30,2% da amostra total foi utilizada na análise. Das 13 edições com representantes de grupos sociais desvalorizados há pessoas com deficiência, indígenas, pretos e LGBTQIA+'s. A questão de gênero também apareceu em determinadas falas, mas como as mulheres estão presentes em grande parte dos programas, e por terem um reconhecimento social e político já mais estruturado socialmente, não foram analisadas como um grupo específico, embora as questões de gênero tenham aparecido como atravessamento em alguns casos.

Através da análise de discurso de linha francesa buscamos compreender como as minorias sociais se autoconstroem. Segundo Eni Orlandi, a análise de discurso “tem seu ponto de apoio na reflexão que produz sobre o sujeito e o sentido, um relativamente ao outro já que considera que, ao significar, o sujeito se significa” (1994, p. 55). A autora argumenta que o discurso mostra a relação entre a linguagem e a ideologia, observando o sujeito como mediador desta relação.

⁶ Essa decisão, que está no direito de se ver e construir da maneira mais adequada na sociedade, não está em julgamento – e será importante o momento social e político em que isso seja possível. Mas como o recorte da pesquisa precisa dos sentidos de referencialidade do que é ser uma minoria, esse desvio da amostra não foi computado.

O conceito de formação discursiva (FD) é central para entender como as minorias sociais se constroem. Segundo Pêcheux, FD é “[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, [...] determina o *que pode e deve ser dito* [...]” (1995, p. 60. grifo do autor). A FD, que também é chamada de sentido, busca na conjuntura social e histórica os fundamentos para desvelar aquilo que significa além de si mesma. Benetti salienta que uma formação discursiva é um conjunto de sentidos correspondentes a uma ideologia ou perspectiva específica, considerando que “o sujeito se posiciona em um lugar para enunciar já inscrevendo os sentidos naquela formação discursiva” (2016, p. 240); é um núcleo dominante de sentido na qual gravitam todos os sentidos complementares. A FD é o que sustenta a AD, já que é a partir desta definição que o analista pode estabelecer regularidades nos discursos, compreendendo o processo de produção de sentidos e a relação deles com a ideologia do sujeito (ORLANDI, 2000, p. 43).

Há outros conceitos importantes. A paráfrase traz um discurso que gira em torno de algo que já existe, representando novas formulações de um mesmo dizer (ORLANDI, 2000, p. 36). É uma matriz que se repete no discurso. Já a polissemia é a ressignificação de sentidos, ou ainda a produção de sentidos metafóricos. E esse movimento duplo só é possível pela memória, o interdiscurso, que através de variados momentos, lugares e vozes, repete o mesmo em contextos plurais.

Identificamos seis sentidos que se repetem em muitos discursos, conforme a tabela 1:

Tabela 1 - Formações Discursivas e Incidência de Sequências Discursivas.

Formações Discursivas (FDs)	80 SDs	Porcentagem
FD1 - A minoria que convive com preconceitos	18	22,5%
FD2 - A minoria que sente a exclusão	17	21,25%
FD3 - A minoria que realiza	16	20%
FD4 - A minoria que viu mudanças na sociedade	14	17,5%
FD5 - A minoria acolhida	13	16,25%
FD6 - A minoria que se vê privilegiada	2	2,5%

Fonte: Elaborada pelos autores.

Após a identificação dos principais sentidos presentes nos relatos, os programas foram assistidos novamente para que fosse realizada a identificação das sequências discursivas (SDs) – trechos recortados do discurso – que compõem cada FD. Foram identificadas 67 SDs, mas como 13 estão filiadas a mais de uma formação discursiva por terem mais um sentido presente nas falas, o total sobe para 80 FDs. A porcentagem ajuda a compreender a relação do todo com a parte: quais sentidos foram mais recorrentes dentro da amostra.

Por se tratar da análise de um programa de televisão, nesse processo foi mantida a transposição da fala oral, que não obedece às mesmas regras da fala escrita, mas possui uma espontaneidade e coloquialidade que a língua culta não tem. As sequências discursivas (SD) são precedidas pelo nome do autor da fala e a posição que ocupam no discurso. As SDs iniciam com recuo de dois centímetros, corpo dez, entrelinhamento simples e têm o núcleo de sentido negrito. O objetivo é diferenciar as sequências tanto das citações quanto do corpo do texto, deixando explícito que se trata do corpus analisado.

4.1 A minoria que convive com preconceitos

Racismo, homofobia e transfobia estão no centro da FD. Essas atitudes e sentimentos que tratam o outro como anormais e inferiores mostram uma violência velada, não física, mas que perpassa as ações do dia-a-dia. Ao tipificar pessoas e comportamentos, o preconceito se instaura e demarca espaço, impedindo o livre desenvolvimento das diferenças. O racismo, que aparece de forma estrutural, atinge pretos e indígenas, dois grupos que não circulavam com frequência antes do sistema de ações afirmativas. E a linguagem continua sendo um entrave, já que carrega, de forma consciente ou não, preconceitos, discriminações, limitações e ofensas. Essas questões perpassam as sequências abaixo.

- Freya Costa, mulher transgênero (estudante de Psicologia).

[...] **não somos alienígenas, que existe um jeito específico de falar com a gente. É só falar como tu fala com qualquer outra pessoa. Se tu for fazer uma pergunta que tu faria para uma pessoa cis, tu pode fazer, sabe?**

- Vinícius Jean Barth, homem gay (aluno da pós-graduação em Desenvolvimento Rural).

Como eu sou estudante oriundo das Ciências Agrárias na graduação, **era um ambiente bastante masculinizado, bastante machista, homofóbico, tem toda uma opressão em torno disso.**

- Brenda Santos, mulher preta (estudante de Odontologia).

Por isso é muito importante falar sobre isso na universidade. **Não só do ponto de vista social, do ponto de vista de que é importante respeitar todas as diversidades, mas do ponto de vista clínico também, profissional. Eu ter um profissional negro, talvez ele vá ter um tino diferente de um profissional branco para fazer um comentário diferente, entendeu? Para ter um manejo com paciente negro diferente por proximidade.**

- Raquel Kubeo, mulher indígena (Mestre em Educação).

[...] e assim, **quebrar as barreiras do preconceito e do racismo na sociedade, porque é sempre cobrado da gente que a gente é atrasado, que a gente ainda não tem um nível de educação necessário para frequentar certos espaços.**

4.2 A minoria que sente a exclusão

O núcleo dessa FD é o sentido de falta: de representatividade na sala de aula, nos cursos e nas áreas de atuação; de acessibilidade; e de inclusão. Essas faltas são percebidas como maneiras de impedir a formação plena: o sentimento de exclusão deixa lacunas que são levadas para a vida pós-universidade. O sentimento de não pertencimento a um lugar, uma profissão ou a uma sociedade não é explícito, mas causa danos reais. A falta de condições físicas – arquitetônicas e didáticas –, assim como a falta de representação de pessoas de diferentes grupos sociais em cargos de ensino, pesquisa e gestão afetam diretamente as relações nas UFRGS. As sequências discursivas a seguir exemplificam essas questões.

- Brenda Santos, mulher preta (estudante de Odontologia).

Eles [alunos negros] estão em monitoria, eles estão em extensão, eles estão no diretório acadêmico, **só que eles não conseguem se ver... A gente não consegue se ver no corpo docente.**

- Laís Dias Gomes, mulher preta, (estudante de Medicina).

A gente tem um pensamento automático quando a gente é preto, de que a gente **não merece as coisas e isso não é uma coisa assim, um exagero nem nada, é um pensamento automático e inconsciente assim sabe, de que a gente não merece algumas coisas e de que a gente não pertence a alguns lugares.**

- Taís Severo, mulher trans (aluna da pós-graduação em Comunicação).

[...] **sem representatividade permanece-se no subterrâneo** e a comunicação nos ajuda a trazer isso à tona.

- Raquel Kubeo, mulher indígena (mestre em Educação)

A primeira barreira é estar dentro da universidade. Ter poucas ou quase nenhuma representação indígena, tanto com os meus colegas, mas também com os professores, que infelizmente a gente não tem ainda nenhum professor indígena ali no Programa de Educação.

- Julio de Paula Kaingang, homem indígena (estudante de Educação Física).

É difícil morar longe da família, a gente não se adapta muito bem ao ambiente. [...] Muitas vezes, **a gente não se adapta muito bem ao currículo da grade curricular da UFRGS também.**

- Evelyn Gonçalves, mulher deficiente física (estudante de História).

Durante a pandemia, **eu sinto muita falta do espaço físico, por mais que ele seja totalmente inacessível.**

- Karine Rodrigues, mulher deficiente visual (estudante de Música).

[...] o professor tava fazendo muitas descrições do material que ele tava apresentando, que era em vídeo, e **em nenhum momento ele não fala o que os músicos fizeram lá.**

4.3 A minoria que realiza

O enfoque são as ações que foram realizadas com o intuito – explícito ou não – de transformar o contexto de marginalização de minorias sociais. O sentido de agir para atuar na transformação de um contexto adverso carrega a ideia de superação – pessoal e do grupo minoritário da qual faz parte – e inclusão – servir de exemplo para os outros e assegurar que é possível fazer. Ao exigir mudanças no status quo, a transformação pode acontecer. O sentido de realização está presente nas seguintes sequências:

- Raquel Kubeo, mulher indígena (mestre em Educação)

Na minha dissertação, foi pensada **duas traduções em línguas indígenas, tanto na língua tucano, que é do Amazonas, quanto para o mbyá guarani, que é daqui do Rio Grande do Sul.**

- Laís Dias Gomes, mulher preta (estudante de Medicina).

Eu sou a primeira pessoa da minha família que faz medicina, ou que já fez medicina. As pessoas podem não perceber isso de maneira tão direta, mas ter pessoas na tua família que já fizeram aquilo que tu quer fazer faz uma diferença grande porque tu já cria um pensamento automático de que tu é capaz.

- Freya Costa, mulher trans (estudante de Psicologia)

[...] em algum momento eu gostaria de trabalhar com psicoterapia, **principalmente para atender pessoas trans que acabam não conseguindo encontrar algum psicoterapeuta que tenha alguma relação boa.**

- Célio Golin, homem gay (ex-estudante da especialização em Ciências do Esporte).

Eu acho que **nós acabamos, enquanto movimento político, interferindo no próprio processo acadêmico da universidade.**

- Vinícius Jean Barth, homem gay (aluno da pós-graduação em Desenvolvimento Rural).

Não tem mais vez deixar o preconceito acontecer. Eu acho que a gente **tem que denunciar se isso acontece nos espaços em sala de aula, se o aluno se sente oprimido em alguma situação.**

4.4 A minoria que viu mudanças na sociedade

Essa categoria aborda as mudanças na forma como as comunidades LGBTQIA+ e indígena passaram a ser tratadas ao longo do tempo. Há um sentimento de positividade que perpassa as sequências abaixo.

- Célio Golin, homem gay, (ex-estudante da especialização em Ciências do Esporte).

O que é positivo é que as novas gerações não tiveram, por exemplo, a perspectiva que a minha geração teve [estudou na UFRGS nos anos de 1990] como referência, que era a do desvio, da doença, da patologia. **As novas gerações tão se empoderando e se empoderaram a partir de uma outra perspectiva política.**

- Luciana Nunes, mulher lésbica, (professora do curso de Estatística)

[...] **é uma evolução que a gente foi enxergando, que estamos enxergando, que é do mundo. A gente tem um microcosmos UFRGS, que é ver os casais LGBTs assim. Então daqui a pouco duas gurias ou dois guris andando de mão dada, se beijando, namorando, namorando como qualquer outro casal** que em toda a minha vida eu vi, porque casais namorando na universidade tem desde sempre, enfim.

- Raquel Kubeo, mulher indígena (mestre em Educação)

Por muitos anos, desde que a colonização chegou nesse território que hoje é conhecido como Brasil, **nós fomos estudados, observados e feitos como objeto, então estar do outro lado da pesquisa e olhar a partir de um olhar pesquisador, mas também quebrando esses conceitos de colonização, também, é muito desafiador.**

4.5 A minoria acolhida

Em a minoria acolhida, o sentido é de ser bem recebido e incluído em determinados espaços, criando laços e se identificando com outras pessoas. O sentimento de que é algo positivo novamente aparece, amenizando o sentido geral de opressão. As SDs trazem certo tom de esperança.

- Eleonir Fidelis, homem indígena (estudante de Enfermagem)

Tem indígena [em eventos da UFRGS] de quase todas as aldeias do Rio Grande do Sul, tem uns de mais longe, uns mais daqui, e **a gente acaba tendo essa amizade sabe, se encontrando na verdade, né, todos os parentes.**

- Karine Rodrigues, mulher deficiente visual (estudante de Música).

E quando os professores e os colegas também conseguem essa naturalidade assim, de me enxergar como uma pessoa igual às outras, claro que com uma limitação sensorial importante que acaba influenciando, mas assim... **Quando eles não fazem disso a coisa mais importante, a coisa que vai me definir, tudo flui, é muito natural** assim.

- Taís Severo, mulher trans (aluna da pós-graduação em Comunicação).

Eu tenho sido muito bem recebida. Era o que eu desejava: **que as minhas questões pessoais de gênero não fiquem na frente da pessoa que eu sou, da pesquisadora que eu tô trabalhando para me transformar, da pesquisa e do trabalho que eu faço, da minha escrita.**

4.6 A minoria que se vê privilegiada

Essa categoria tem menos expressão numérica – apenas duas SDs dentre as 80 destacadas. No entanto, evidencia explicitamente o sentido de uma minoria que se vê como privilegiada em relação a outros grupos socialmente marginalizados, algo que mostra conflito com a trajetória das minorias dentro da pesquisa. Há um sentimento de gratidão pelos espaços ocupados devido ao poder econômico.

- Laís Dias Gomes, mulher preta, (estudante de Medicina).

Durante a fase do vestibular, apesar de **eu ser uma pessoa muito privilegiada, e eu tenho noção disso, graças aos meus pais e oportunidades que eles puderam me trazer, e que eu sei que não é todo mundo que consegue,** eu pude estudar em cursinhos pré-vestibular e pude me preparar para ser aprovada em medicina.

- Narrador Kanhangá, homem preto (intercambista de Angola).

Foi através dessas ações que eu percebi, por exemplo, quando a gente entrou para fazer as doações e **eu vi a realidade que eles estavam passando, e aí eu me coloquei na posição de privilegiado, porque eu não sofri,** afinal de contas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender como as minorias sociais representam a si mesmas no programa *Minha Saudade da UFRGS* mostrou a complexa realidade de grupos sociais que são colocados em posição de marginalização e discriminação perante a sociedade: negros, indígenas, LGBTQIA+'s e pessoas com deficiência.

A expectativa inicial era encontrar mais pessoas sentindo-se acolhidas e respeitadas, especialmente pelo programa *Minha Saudade da UFRGS* ter um cunho nostálgico, que remete a boas lembranças vivenciadas no ambiente universitário. Entretanto, a presença de 43,75% dos discursos evidenciando o preconceito e a exclusão, e apenas 16,25% do corpus sentindo-se acolhido, mostra que essa realidade ainda tem um longo caminho a percorrer. Aceitando a universidade como uma representação da forma como a sociedade é construída, é possível inferir que o caminho para a igualdade está só começando.

Desde 2008, a UFRGS⁷ tem 50% das vagas em cursos de graduação reservadas para estudantes que cursaram todo o ensino médio em escolas públicas, mas o dia a dia ainda não mostra a efetividade desta medida. Desta reserva, existem ainda subdivisões, destinando vagas a alunos de baixa renda, pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência. Os dados relativos ao 1º semestre de 2021 apontam que dos 26.584 alunos matriculados na graduação, só 10.088 ingressaram utilizando uma das modalidades de vagas reservadas. Por mais que a universidade esteja preocupada em garantir a inclusão de grupos discriminados socialmente, a forma como os dados demográficos estão disponibilizados não possibilita uma leitura acurada sobre a diversidade em um panorama geral. Não há dados de quantos alunos negros, indígenas, pardos ou com deficiência ingressaram na universidade, já que todos estão na modalidade “ampla concorrência”. Além disso, unir negros, pardos e indígenas na mesma reserva de vagas também afeta a leitura.

É importante reconhecer que as ações afirmativas são um ato corajoso da UFRGS. Desde a aprovação da Proposta de Emenda Constitucional 55/2016, que congelou os investimentos em saúde e educação, o Brasil sofre um retrocesso no que tange aos Direitos Humanos e influencia o aprofundamento de desigualdades sociais. Apesar de importante, há espaços na universidade que ainda não incluem minorias sociais. Mesmo com o interesse da UFRGS em aumentar a diversidade de pessoas que fazem parte da sua comunidade acadêmica, só isso não é o suficiente. Alunos, técnicos e professores de grupos minoritários, principalmente deficientes, indígenas e trans ainda são muito poucos.

A representação de minorias sociais é essencial para que as identidades se fortaleçam e tragam equilíbrio com os grupos sociais privilegiados, quebrando a dominação e a manutenção dessa visão de mundo. E precisa acontecer na sociedade e dentro da universidade para que seja registrada na TV: uma retroalimentando a outra e construindo saberes juntas. Em um mundo ideal e utópico, a discussão de ações efetivas para a inclusão e representatividade termina quando não precisarmos mais falar sobre respeito às diferenças.

A comunicação, a base do agir social – e estrutura fundante da televisão –, tem um papel de destaque nessas ações: é necessário que as minorias sociais se representem com mais frequência nas mídias. Mesmo que 39,5% das edições apresentadas no período de um ano do programa analisado sejam sobre pessoas que fazem parte de alguma minoria social, ainda há muito a ser feito neste quesito. Uma universidade que precisa dialogar mais com sua comunidade, e não cria espaços para a reafirmação das diferenças, mantém o status da invisibilidade a quem não se enquadra nos grupos de referência dominantes. Se técnicos e bolsistas que pensam e fazem a UFRGS TV não têm oportunidade de viver essa diversidade, e o público desconhece essa alternativa na programação, as chances de reproduzir uma realidade diferente do padrão diminuem. A televisão normaliza o que é ser e estar no mundo, tendo um importante papel como formadora de identidades e opiniões: é fundamental que os programas televisivos tenham vozes diversas, como as analisadas no corpus. E que a TV Universitária, indo além da educação e cultura, incentive a inclusão e a cidadania.

REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, Lígia; CABECINHAS, Rosa. Dominação e exclusão: representações sociais sobre minorias raciais e étnicas. In. Congresso Português de Sociologia - Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção, 5, 2004, Braga. **Anais [...]** Braga: Universidade do Minho, 2004.

BBC. **Diversity and Inclusion Strategy 2016-2020**. Disponível em: [encurtador.com.br/qsBCY](https://www.bbc.com/news/health-56888888). Acesso em: 21 fev. 2022.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: **Vozes**, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão; seguido de A influência do jornalismo e Os jogos olímpicos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

BUCCI, Eugênio. É possível fazer televisão pública no Brasil?. **Novos Estudos** - CEBRAP, São Paulo, n. 88, dez. 2010.

BUCCI, Eugenio; KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004.

CABECINHAS, Rosa. Investigar representações sociais: metodologias e níveis de análise. In: BAPTISTA, Maria Manoel (org.) **Cultura: Metodologias e Investigação**, Lisboa: **Ver o Verso**, 2009. p.51-66.

CHARAUDEAU, Patrick. A televisão é capaz de informar?. **MATRIZES**, v. 10, n. 2, 2016. Disponível em: encurtador.com.br/gnpL8. Acesso em: 22 mar. 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. Informação, emoção e imaginários a propósito do 11 de setembro de 2001. In: DAYAN, Daniel (org.). **O terror espetáculo: terrorismo e televisão**. Lisboa: Edições 70, 2009. p.71-86.

ELIAS, Norbert. **Mozart: sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1993.

ESTATUTO: **Regimento Geral**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 1995. Disponível em: encurtador.com.br/dwJMR. Acesso em: 14 abr. 2022.

FREIRE FILHO, João. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre: PUCRS, n. 28, 2005. p.18-29.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.

MACHADO, Arlindo. Preliminares. In: MACHADO, Arlindo. **A arte do vídeo**. São Paulo: Brasiliense, 1988. p.7-11.

MAGALHÃES, Cláudio. **Manual para uma TV Universitária**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MIGUEL, Luis Felipe. Representação democrática: autonomia e interesse ou identidade e advocacy. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, São Paulo, n. 84, 2011. p.25-63.

MILLER, Toby. A Televisão Acabou, a Televisão Virou Coisa do Passado, a Televisão Já Era. In: FREIRE FILHO, João (org.). **A TV em Transição: Tendências de Programação no Brasil e no Mundo**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2000.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Em aberto**, v. 14, n. 61, 1994. p.52-59.

OROZCO, Guillermo; MILLER, Toby. A televisão além de si mesma na América Latina. **MATRIZES**, v. 12, n. 3, p. 59-75, 2018. Disponível em: encurtador.com.br/bksJX. Acesso em: 2 abr. 2021.

SERRANO, Estrela. A especificidade do serviço público de televisão num contexto de fragmentação dos públicos e de multiplicação de plataformas. **Jornalismo & Jornalistas**, Lisboa, n. 43, 2010. p.5-17.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2012. p.73- 102.

SIQUEIRA, Dirceu Pereira; CASTRO, Lorena Roberta Barbosa. Minorias e grupos vulneráveis: a questão terminológica como fatos preponderante para uma real inclusão social. Revista Direitos Sociais e Políticas Públicas (UNIFAFIBE), **Bebedouro**, v. 5, n. 1, 2017. p.105-122.

THOMPSON, John B. A interação mediada na era digital. **MATRIZES**, v. 12, n. 3, 2018. p.17-44. Disponível em: encurtador.com.br/jpyRS. Acesso em: 27 fev. 2022.

YOUNG, Iris Marion. Representação política, identidade e minorias. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 67, 2006. p.139-190.

WOLTON, Dominique. Mídias generalistas e grande público. In: WOLTON, Dominique. **Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

Artigo recebido em: 16 jan. 2023. | Artigo aprovado em: 29 mar. 2023.